

SAGRADO, PROFANO, MITOS E HISTÓRIAS: UMA VISÃO DE MIRCEA ELIADE

Elaine Cristina Alves da Costa Savalli

Doutoranda do PPGCS - UFRN

Falar, atualmente, de sagrado e profano é algo que nos traz à mente uma divisão. Contudo, entre os povos antigos a vida religiosa não era raciocinada segundo essa separação. Sagrado e profano eram categorias inexistentes. O centro da vida era a religião e todas as coisas que norteavam o indivíduo eram relacionadas a ela. O plantio da terra, a procriação e a diversão eram expressões religiosas, na medida em que se tornavam oferendas aos deuses. Atos sexuais, orgias e danças misturavam-se à festa de Dionísio, divindade Greco-romana. Segundo Eliade (1992), a dança e a música de tambores faziam parte como cultos antigos e eram considerados fundamentais. A união entre sagrado e profano era natural num mundo onde vários eram os deuses, espíritos evoluídos, que apreciavam as coisas dos homens, ou seja, o divino também se tornava terreno, pecador.

Ao introduzir a idéia de pecado e da santidade de Deus, instaura-se então o conceito e a distinção entre sagrado e profano, pois distanciou-se o “Deus”, que por ora era um ser próximo e íntimo do indivíduo. A religião, através da explicação do pecado, surge quando do despertar dessa consciência que percebe o homem e a natureza ao seu redor, que apreende a realidade exterior como algo que existe independente de sua vontade. Religadora do transcendente com o âmbito terreno, a religião que criou as diferenças, movimenta a reaproximação e a busca da restauração entre o sagrado e o profano. O sagrado se configura pela experiência

de viver ligado a um ser superior e a dimensão mundana forma o âmbito do profano.

O espaço recebe, então, uma dimensão ora de sacralidade, ora de profanidade.

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo; o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência, “forte”, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. (ELIADE, 1992: 25)

Em relação à experiência profana, esta se apresenta de forma homogênea. Não há rupturas, o mundo é visto de forma igual, não há diferenças. O espaço geométrico por mais recortado que esteja não apresenta nenhuma diferença qualitativa para a visão profana. Segundo Eliade (1992), o homem profano recusa a sacralidade do mundo, assumindo assim apenas uma existência profana, livre de toda experiência religiosa.

Para o homem religioso, ou seja, aquele que tem o conhecimento e o temor ao divino, a revelação de espaço sagrado permite que se obtenha um ponto fixo, com isso, descarta-se a idéia de viver fora do mundo sagrado, pois com um lugar de contemplação é possível fugir do mundo profano. Já para aquele que vive na profanidade desconhece esse ponto fixo, pois o seu lugar aparece e desaparece segundo as necessidades diárias.

Esse espaço para o homem profano é um lugar de eterna descoberta, está em constante transformação e cada mudança que ocorre revela para o indivíduo novas dimensões de seu próprio universo. Esse espaço é defendido por Elizabeth Costa (1989), como o “espaço-bolha” que desempenha um papel específico ligando ou dando continuidade a atuações que podem ser encontradas ou não em sua rotina.

Gera inversões, carnavalizando sistemas fechados e levando para as ruas anseios e necessidades das classes populares, normalmente ocultas; ele abre espaço para as trocas e para as relações de improviso e cria oportunidades sem pré-requisitos; por fim, ele rompe com as dualidades entre moradia e trabalho, festa e cotidiano, centro e periferia. (COSTA, 1989: 115)

A porta é o limite, a fronteira, é o meio que opõe dois mundos e ao mesmo tempo o lugar de comunicação entre eles, visto que quando há oportunidade interagem entre si, havendo uma quebra do limite apresentado anteriormente. A porta é um símbolo e ao mesmo tempo uma passagem de um elo a outro. No interior do recinto sagrado é possível a comunicação com os deuses. “O templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses”. (ELIADE, 1992: 30)

A porta que se abre para o interior da igreja significa de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser profano e religioso. (ELIADE, 1992: 29)

O homem religioso tem o desejo de viver o mais perto possível dos deuses. Para ele uma vez perdido o contato com o transcendente, a existência no mundo já não é possível. De acordo com Eliade (1992: 38) existem três níveis cósmicos: Terra, céu e regiões inferiores que se tornaram comunicantes através do contato simbólico entre essas três instâncias e a humanidade.

Um lugar sagrado constitui uma ruptura na homogeneidade do espaço e essa ruptura é simbolizada pela “abertura” que se tornou possível através da porta da igreja. Cada homem religioso situa-se no Centro do mundo, muito perto da abertura que garante a comunicação com os deuses.

Basta-nos confrontar o comportamento de um homem não-religioso, em relação ao espaço em que vive, com o comportamento do homem religioso para com o espaço sagrado para percebermos imediatamente a diferença de estrutura que os separa. (ELIADE, 1992: 59)

Há tempo para o sagrado e para o profano. O tempo das festas periódicas é o maior exemplo disso. Existem os momentos que o tempo é eminentemente sagrado e há o tempo profano, “a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso.” (ELIADE, 1992: 63)

Cada vez que uma festa religiosa acontece, ocorre uma reatualização de um evento sagrado que antes só era lembrado e que agora é concretizado. O homem sai da rotina, da duração temporal ordinária de sua vida e reintegra-se miticamente na festa. O sagrado mostra-se com um tempo recuperável e repetível.

Em toda festa periódica reencontra-se o mesmo tempo sagrado, é o tempo criado pelos homens e santificado pelos deuses por ocasião de suas estórias. O homem religioso vive assim em duas espécies de tempo. O tempo sagrado se apresenta de forma circular, reversível e recuperável, “espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos.” (ELIADE, 1992: 64). O homem religioso recusa-se a viver simplesmente o presente, mas ele quer voltar a unir-se a um tempo sagrado que de certo modo é equiparado à eternidade, por sempre se repetir. Já para o homem não-religioso existe também o tempo predominantemente monótono do trabalho e o do lazer, assim como dos espetáculos, ou seja, o tempo festivo. Ele vive intensamente esse momento. É o tempo de sair do tédio e viver diferente de quando se trabalha, apesar de não haver significação relevante para o mesmo.

O homem religioso vive a diferença essencial de conhecer os intervalos que são sagrados, que têm uma estrutura totalmente diferente e outra origem, pois se trata de um tempo santificado pelos deuses. Para o homem não-religioso o tempo não apresenta rupturas, tudo é homogêneo. Para o homem religioso além de haver rupturas a duração profana pode ser encerrada periodicamente por meio dos ritos. “Reencontrar o tempo de origem implica, portanto, a repetição ritual do ato criador dos deuses.” (ELIADE, 1992: 76)

Eliade chama de “eterno retorno”, a busca do reencontro consigo mesmo e com seus valores. Nas festas há o reencontro com o sagrado, pois se aprende a divinizar cada vez mais os deuses, todas as vezes em que esta se repete. Há um esforço em se sentir muito perto de seus deuses. É como se no momento da festa, o mundo se santificasse e o comportamento do homem religioso pudesse contribuir para manter essa santidade.

A recordação tem uma função: evitar que o homem esqueça o que passou. É necessário cultivar o pensamento histórico e até mesmo não deixar que haja um desligamento da terra com os céus. Quando se pensa em esquecer, o tempo retorna, já está de novo na época de resgatar todo o ritual religioso. É um laço que não é desfeito. “...os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos Seres semidivinos. Vivem no tempo primordial pela presença e atividade dos deuses.” (ELIADE, 1992: 93) O Retorno às festas sagradas é como salvar-se do nada. A ‘base’ precisa estar presente para reanimar a vida e livrar o homem religioso da vida profana.

O sagrado para o homem profano é uma realidade absoluta que transcende este mundo, que se manifesta nele, santifica-se e se torna real. Ele crê que a vida

tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza suas forças na medida em que participa da realidade religiosa. O homem não-religioso reconhece-se como único sujeito e nega a existência transcendental. Não aceita nenhum tipo ideal de humanidade fora do que ele mesmo enxerga. O sagrado é uma ameaça a sua liberdade.

Os denominados sem religião ou a-religiosos se comportam religiosamente, embora inconscientemente. Ele não está livre dos comportamentos religiosos, das teologias e mitologias. Estão num todo mágico-religioso onde carrega uma série de ritos que adota para a sua própria vida. Isso acontece por que o homem profano descende do homem religioso e não pode negar essa história, “os comportamentos de seus antepassados religiosos, que constituíram tal como ele é hoje.” (ELIADE, 1992: 170)

O mito conta uma história sagrada. Narra como uma realidade passou a existir. Seus personagens são os Entes Sobrenaturais e se tornam conhecidos pelo que fizeram em seus tempos primórdios. Os mitos descrevem as origens do sagrado, é essa origem que fundamenta o mundo e o converte no que é hoje.

Segundo Eliade (1991: 12), “o mito é considerado uma história sagrada, portanto uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades.” Através da idéia do sagrado é que surge o pensamento de que alguma coisa existe realmente, de que existem valores capazes de guiar os homens e de dar uma significação à existência humana.

A história narrada pelo mito é um conhecimento mágico-religioso por ser considerado secreto e por transmitir o início de alguma coisa. E conhecer a origem de um ser é o mesmo que adquirir um poder mágico, pois será possível dominá-lo,

multiplicá-lo ou reproduzi-lo. “O tempo original volta de maneira regeneradora nas e pelas cerimônias aniversárias do tempo empírico, que saúdam e operam o seu retorno.” (MORIN, 1996: 152)

O mito é periodicamente reconfirmado pelos rituais. A reatualização ajuda o homem a distinguir e reter o real. A repetição contínua se revela como fixo e duradouro no fluxo universal.

Através da repetição periódica do que foi feito *in illo tempore*, impõe-se a certeza de que algo *existe de uma maneira absoluta*. Esse “algo” é “sagrado”, ou seja, transumano e transmundo, mas acessível à experiência humana. (ELIADE, 1991: 124)

O mito incita o homem a criar abrindo caminhos para os seus caminhos inventivos, apesar do homem saber que o que ele se prepara para fazer, na verdade já foi feito ajudando-o a eliminar as dúvidas que poderia vir à tona de suas empreitadas. O mundo fala aos homens e para compreender essa linguagem é preciso conhecer os mitos e decifrar os símbolos.

A função dos mitos consiste em fornecer significação ao mundo e a existência humana. O mundo pode ser discernido como Cosmo, “perfeitamente articulado, inteligível e significativo.” (ELIADE, 1991: 128)

Na narração das histórias, o mito revela por quem e por que o foram feitas e nessas revelações é engajado o homem diretamente ou não nesse conto sagrado. Direta ou indiretamente o homem é elevado pelo mito. O mito ajuda o homem a ultrapassar limites e estimula-o a levá-lo para perto do divino.

Devido a expansão cultural no Ocidente, formou-se um universo dessacralizado e uma mitologia desmistificada. Foi um verdadeiro triunfo do *logos* sobre o *mythos*. “É a vitória do livro sobre a *tradição oral*, do documento – sobretudo

do documento escrito – sobre uma experiência vivida que só dispunha de meios de expressão pré-literários.” (ELIADE, 1991: 137)

Os mitos devem ser conhecidos como documentos literários e artísticos e não como expressões de uma experiência religiosa vinculada ao rito. Na cultura europeia a religião e a mitologia grega conseguiram sobreviver, justamente por terem sido expressas através de obras literárias ou artísticas. Um povo desprovido de documentos escritos é considerado um povo sem história na cultura ocidental. Na Europa as criações populares ainda são fontes de inspiração para alguns grandes artistas europeus.

Mas tais criações populares jamais desempenharam um papel importante na cultura. Elas acabaram por ser consideradas “documentos” e, como tais, despertam a curiosidade de alguns especialistas. Para interessar a um homem moderno, essa tradicional herança oral deve ser apresentada sob forma de um livro...(ELIADE, 1991: 140)

O essencial é rememorar através dos mitos. Não somente por que os mitos oferecem uma explicação do mundo, mas, sobretudo por que ao reatualizá-los o homem é capaz de repetir os atos dos deuses. Mesmo lembrando os detalhes considerados mais insignificantes da existência humana, é somente pela recordação que se domina o passado. Conhecer a história e a origem dos fatos confere uma espécie de domínio sobre as coisas. “Aquele que é capaz de recordar dispõe de uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquele que conhece a origem das coisas.” (ELIADE, 1991: 83)

Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem. (ELIADE, 1991: 18)

Viver os mitos implica em reviver uma experiência religiosa. É religiosa por reatualizar os eventos significativos assistindo novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais. O indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e tornando-se contemporâneo deles passa a viver o tempo primordial, o inicial. É considerado, então, o tempo forte do mito onde se vive algo novo, mas que se manifestou há muito tempo atrás. O mito revela que o mundo, o homem e enfim a vida tem uma história e uma origem sobrenaturais e que essa história tem o seu grau de importância que não pode ser desprezado.

As mitologias são narrativas. De que falam elas? Decerto que os maiores mitos ou os mais profundos narram a origem do mundo, a origem do homem, o seu estatuto e a sua sorte na natureza, as suas relações com os deuses e os espíritos. (MORIN, 1996: 150)

Por fim, o mito não deixa de ser um tempero para a humanidade, pois é uma codificação da religião e da sabedoria revelando ao homem o sentido dos atos rituais e morais, mostrando como devem ser executados.

A história tem um importante papel para o cristianismo. O cristianismo se esforça para salvar a história. Eliade (1991: 170) explica que o cristão valoriza o tempo histórico e para eles o acontecimento histórico é capaz de transmitir uma mensagem trans-histórica.

Para o cristão o acontecimento histórico por mais simples que seja é verdadeiro e cada vez que é relatado pode mostrar algo novo, algo que estava escondido, “uma nova intervenção de Deus na história.” (ELIADE, 1991: 171) A vida de Cristo e dos santos testemunha aos cristãos o quanto uma vida histórica pode se tornar gloriosa, mesmo aparentemente desprovida de significados.

Através da história percebe-se um destaque ao simbolismo, como também, através das imagens, que são vividas e valorizadas no percurso do tempo: “o produto dessas múltiplas atualizações constitui em grande parte os estilos culturais.” (ELIADE, 1991: 172)

Os símbolos e as imagens conseguem unir culturas, pois a partir de qualquer cultura, por mais diversa que se apresente é possível a comunicação devido os mesmos arquétipos que constituem o cristianismo. Graças às imagens as diversas histórias podem se comunicar. As imagens devem ser reconhecidas em todos os lugares, basta revalorizá-las, reintegrá-las e dar-lhes nomes novos.

O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade: tudo permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações. (ELIADE, 1991: 178)

O símbolo, o mito e a imagem pertencem à vida espiritual e não podem ser banidos da vida cristã. Eles revelam as mais secretas formas do ser, por isso estudar esses três pontos nos permite conhecer melhor o homem, aquele ainda que não consegue compor-se na história.

O símbolo precede a linguagem. A imagem enquanto conjunto de significados é que é verdadeira, “e não uma única das suas significações ou único dos seus inúmeros planos de referências.” (ELIADE, 1991: 12)

Toda a existência humana está repleta de símbolos, o homem mais concreto vive de imagens. Os símbolos podem mudar de aspecto, mas a sua função permanece a mesma, apenas se levantam novas faces, contudo continuam expressando um sentimento que nenhuma palavra conseguirá traduzir.

O importante nessas imagens da “nostalgia do paraíso” é que elas expressam sempre muito mais do que a pessoa que as sente poderia fazê-lo por meio da palavra. Aliás, a maioria dos humanos seriam incapazes de expressá-las: não que sejam menos inteligentes que os outros, mas porque dão muito pouca importância à nossa linguagem. (ELIADE, 1991: 13)

As imagens aproximam os homens de uma maneira mais real que a linguagem analítica. Se existe uma solidariedade total da humanidade só pode ser sentida e atuada no nível das imagens, afirma Eliade.

O homem moderno mudou o conteúdo da sua vida espiritual, não cessou de imaginar, mas sua consciência é cada vez menos espiritual. No entanto, o interesse por elas não diminuiu, pois essas imagens oferecem um ponto de partida para a renovação espiritual do homem moderno. Por mais que esse homem menospreze as mitologias essas continuam alimentando de certa forma esse ser.

O homem continua imaginando, imitando modelos exemplares. Vê o mundo em sua totalidade; as imagens têm o poder de mostrar tudo que corresponde ao seu significado. Cabe ao homem acordar para essa riqueza de imagens e assimilar sua mensagem. Isso é sabedoria humana!

REFERÊNCIAS

COSTA, Elizabeth Goldfarb. **Anel, cordão, perfume barato**: uma leitura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo. EDUSP: Nova Stella, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

MORIN, Edgar. **O método III**: o conhecimento do conhecimento/1. Portugal: Europa-América, 1996.